



O ANO DE 1993

GRAÇA MORAIS

JOSÉ SARAMAGO

CATÁLOGO

2024

ORGANIZAÇÃO

b
a **belas-artes**
ulisboa

Universidade de Vigo

I Cátedra
Internacional
José Saramago

POEPOLIT II



COLABORAÇÃO



Faculdade de Belas Artes
Universidade de Vigo



A ARTE DE PENSAR O ANO DE 1993

Cisterna da FBAUL
Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, Lisboa
14 – 30 março 2024

EXPOSIÇÃO

COMISSARIADO

Burghard Baltrusch (I Cátedra Internacional José Saramago, Universidade de Vigo)
Egídia Souto (CREPAL, Sorbonne Nouvelle, Paris)
Joana Baião (LAM-GM, Instituto Politécnico de Bragança)

ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO

Universidade de Vigo
I Cátedra Internacional José Saramago
Instituto Politécnico de Bragança
Laboratório de Artes na Montanha - Graça Morais
Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa
Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Vigo

CATÁLOGO

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Burghard Baltrusch (I Cátedra Internacional José Saramago, Universidade de Vigo)
Egídia Souto (CREPAL, Sorbonne Nouvelle, Paris)
Joana Baião (LAM-GM, Instituto Politécnico de Bragança)

TEXTOS

Burghard Baltrusch (I Cátedra Internacional José Saramago, Universidade de Vigo)
Joana Baião (LAM-GM, Instituto Politécnico de Bragança)
Eduardo Duarte (Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa)
Sílvia Penas (Poeta e performer, independente)
Sol Alonso (Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Vigo)

DESIGN

Joana Lobinho (LAM-GM, Instituto Politécnico de Bragança)

ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO

Universidade de Vigo
I Cátedra Internacional José Saramago
Instituto Politécnico de Bragança
Laboratório de Artes na Montanha - Graça Morais
Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa

EDIÇÃO

Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa

ISBN

978-989-9184-07-7

AGRADECIMENTOS

Pintora Graça Morais
Fundação José Saramago
Isabel Nunes

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

UMA EXPOSIÇÃO NA CISTERNA 6

A ARTE DE PENSAR O ANO DE 1993 9

BIOGRAFIAS

GRAÇA MORAIS 13

JOSÉ SARAMAGO 15

CATÁLOGO

O ANO DE 1993 – AS ILUSTRAÇÕES 17

OUTRO MATERIAL EXPOSTO 38

PERFORMANCE

44

**UMA MULHER AINDA NÃO PAROU O MAIS LONGO
GEMIDO DA HISTÓRIA DO MUNDO (REVISITAR
O ANO DE 1993 DE J. SARAMAGO)**

CALIGRAMAS

48

FUNÇÃO E ACTO TRANSFERIDOS



APRESENTAÇÃO



Cisterna do Convento de São Francisco da Cidade (Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa), fotografia de Leonor Fonseca, 2018. Arquivo fotográfico FBAUL

UMA EXPOSIÇÃO NA CISTERNA

Eduardo Duarte*

Graça Morais é, sem dúvida, uma das mais notáveis pintoras da história da arte portuguesa e a atual exposição, como todo o seu trabalho, é disso testemunha. Quando vi o catálogo desta mostra (relativo à primeira montagem, em Vigo), lembrei-me de que faria todo o sentido escolher um local inusitado: em Lisboa, no Chiado, mais concretamente, a cisterna do antigo convento de S. Francisco da Cidade, desde sempre (de 1836) a casa da Academia, Academia Real, Escola, Escola Superior e atual Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Curiosamente, a exposição também é sobre um outro ano, o de 1993.

Uma cisterna é um lugar incomum; como se sabe, é um “Receptaculo sotteraneo de agoa da chuva, que nelle se recolhe, guiada por canos.” (Raphael Bluteau – *Vocabulario Portuguez e Latino*, 1712); portanto, estando debaixo da terra, encontra-se estranha e fascinantemente em contacto com aquilo que de mais precioso vem do céu e a sua função é guardar um elemento formado bem no alto, nas nuvens. Esta cisterna, talvez do século XV-XVI ou XVII-XVIII, tem a particularidade de ter resistido ao terramoto de 1755 e de nas suas paredes se poder ainda facilmente observar, graças à coloração mais clara da pedra, o nível habitual da água.

É neste espaço que vão estar e viver os trabalhos de Graça Morais, com evocações de grutas e de ambientes quase sempre noturnos e lunares dos poemas de José Saramago; mas também de algumas cores vivas, como as do arco-íris e das nuvens, que se opõem à cisterna.

Agradeço aos comissários da exposição Burghard Baltrusch, Egídia Souto e Joana Baião terem aceitado trazer esta exposição para a nossa cisterna, outrora cheia de água, e que, durante séculos, fez viver o convento de S. Francisco.

* Professor de Ciências da Arte e do Património, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa



José Saramago, Graça Morais e o músico Pedro Caldeira Cabral no ateliê da pintora na Costa do Castelo, Lisboa, década de 1990. © Cortesia da Artista

A ARTE DE PENSAR O ANO DE 1993

Burghard Baltrusch e Joana Baião

Esta exposição, bem como a performance de Silvia Penas, «Uma mulher ainda não parou o mais longo gemido da história do mundo (Revisitar *O ano de 1993* de J. Saramago)», foram concebidas em 2022 por ocasião da comemoração do centenário do nascimento de José Saramago (1922-2010) e, neste ano de 2024, não poderia ser mais pertinente a sua apresentação em Lisboa, assinalando duas outras efemérides: o 50.º aniversário do 25 de Abril de 1974 e – feliz coincidência cronológica – os 50 anos de carreira da pintora Graça Morais (n. 1948).

Aborda-se, nesta mostra, a amizade e o fértil encontro entre o escritor e a pintora, testemunhados pelos trabalhos agora expostos em reproduções de grande qualidade: 9 dos 10 desenhos feitos por Graça Morais para a segunda edição, há muito esgotada, do livro *O Ano de 1993* (1987); e o retrato do escritor, executado algum tempo após o seu falecimento. O cruzamento entre a escrita de José Saramago e a pintura de Graça Morais é também evocado no projeto inédito concebido para esta montagem, os caligramas que animam o espaço expositivo, realizados por um coletivo de artistas-criadoras em formação na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Vigo, sob a direção da professora Sol Alonso.

Os visitantes são recebidos pelo rosto sereno, pensativo e interpelador de José Saramago, eternizado por Graça Morais num retrato marcado pela estruturação das feições através de vigorosas pinceladas e manchas de suaves contrastes cromáticos. Esta obra constitui o exemplo de uma prática retratística que se pauta pelo compromisso entre o registo das qualidades fisionómicas do indivíduo representado, e a captação de impressões mais subjetivas que não só remetem para aspetos psicológicos individuais, como também permitem refletir, de um modo mais genérico, sobre a natureza humana.

Nascida num pequeno povoado do interior nordeste de Portugal, Graça Morais formou-se em Pintura no Porto, passou por Paris, e acabou por se sediar em Lisboa na década de 1980, porém sempre mantendo um vínculo profundo com a sua aldeia. O seu universo pictórico reflete estas dinâmicas, deste logo através de uma consciente reivindicação das suas

origens, formalizada através de referências diretas à sua terra e às suas gentes, um mundo de mulheres e homens que soube abordar a partir de dentro. Por outro lado, há na sua obra um sentido universal que transcende estas evocações matriciais, territoriais e locais, relacionado com as ancoragens da pintora à história da arte e à literatura, com os estímulos que recebe de acontecimentos mais globais, e com as suas motivações e reflexões mais íntimas.

Graça Morais interessa-se essencialmente pelo ser humano e a sua condição no mundo. Por isso, não hesita em abordar explicitamente no seu trabalho alguns dos maiores dramas contemporâneos (as guerras, os conflitos territoriais, étnicos, religiosos, políticos, a desigualdade de géneros, a injustiça social), numa dinâmica que envolve o observador e, principalmente, o questiona. Terá sido esta profunda sensibilidade, associada a uma linguagem plástica inconfundível, que levou José Saramago a desafiar a pintora a conceber os desenhos que viriam a ser publicados na segunda edição do livro *O Ano de 1993*. Decorreu em 1987 este encontro entre dois mundos – o da escrita e o da pintura – que “não só se encontraram e reconheceram, como, assim o creio, se identificam” (Saramago, 2002, 4).

O Ano de 1993 é um poema filosófico estruturado a partir da compilação de trinta textos alegóricos em prosa poética. O primeiro poema foi escrito em março de 1974, em resposta a uma tentativa de levantamento militar que visava pôr fim ao regime ditatorial português. A obra foi concluída e publicada em 1975, já depois da Revolução dos Cravos, e num contexto de incerteza do rumo que iria ser tomado pela nova democracia. Daí a construção de uma narrativa não-linear que referencia a repressão sobre a sociedade, a resistência, a violência revolucionária e, sempre, o desejo de liberdade e a esperança.

Graça Morais produziu uma série de dez desenhos que estabelecem um jogo com a natureza fragmentária da narrativa saramaguiana. Assentes numa base comum de representação figurativa, estes trabalhos revelam abordagens diversificadas na exploração dos recursos pictóricos, nomeadamente a sobreposição de elementos, o tratamento expressivo da linha, das manchas, das texturas e da cor, o jogo entre a unidade e a compartimentação da superfície em cenas distintas. Esta heterogeneidade pictural, que é reforçada pela diversidade dos materiais utilizados (grafite, aguarela, sépia e tinta-da-china sobre papel), enfatiza a qualidade polissémica da relação dos desenhos (em conjunto ou autonomamente) com o texto e com o público leitor / observador.

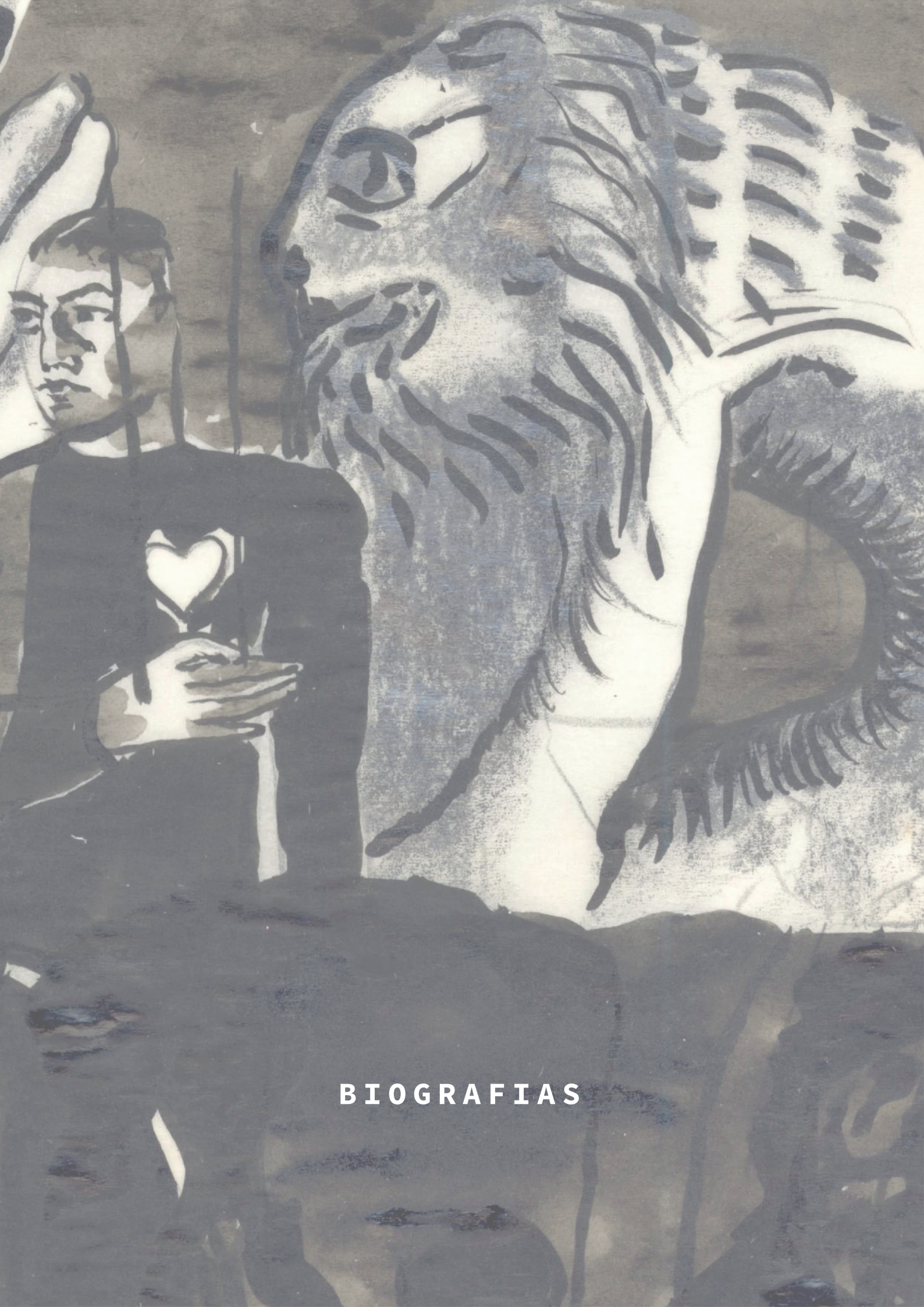
As composições de Graça Morais apresentam-nos figuras e ambientes que referenciam a guerra e a violência, o brutalismo sexual e o erotismo, encontrando correspondência nos textos de José Saramago. Contudo, a pintora recusou a ilustração direta, antes optando por (re)criar segmentos daquele universo onírico e poético, ampliando assim o seu valor estético e poético. Convocando as suas próprias indagações em torno do mistério e da fragilidade do ser humano, a artista completou a intenção político-igualitária do texto, tornando as alegorias do texto mais nítidas e, ao mesmo tempo, mais expressivas e complexas.

Consciente de como a comunhão entre o seu texto e o trabalho artístico de Graça Morais resultou num novo conjunto interartístico, José Saramago quis que, na publicação, o nome da artista aparecesse em pé de igualdade com o seu. Nesta exposição recordamos esse cruzamento poético entre a palavra escrita e a imagens, entre duas grandes personalidades cujas obras fecundas têm, sempre, o poder de nos interpelar.

REFERÊNCIAS

- Baltrusch, Burghard. 2020. «A arte é o que fica na história». *O Ano de 1993* de José Saramago e as ilustrações de Graça Morais». *Bulletin of Hispanic Studies* 97:7, <https://doi.org/10.3828/bhs.2020.44>.
- Saramago, José. 2002. [Sem título], *As personagens de José Saramago nas artes*. Cat. exposição. Santa Maria da Feira: Câmara Municipal.

* Reprodução, com ligeiras alterações, do texto apresentado no catálogo da exposição «A arte de pensar *O Ano de 1993*» (Vigo, 2022).



BIOGRAFIAS



Graça Morais, 1991 [detalhe] © Foto Roberto Santandreu. Cortesia da Artista

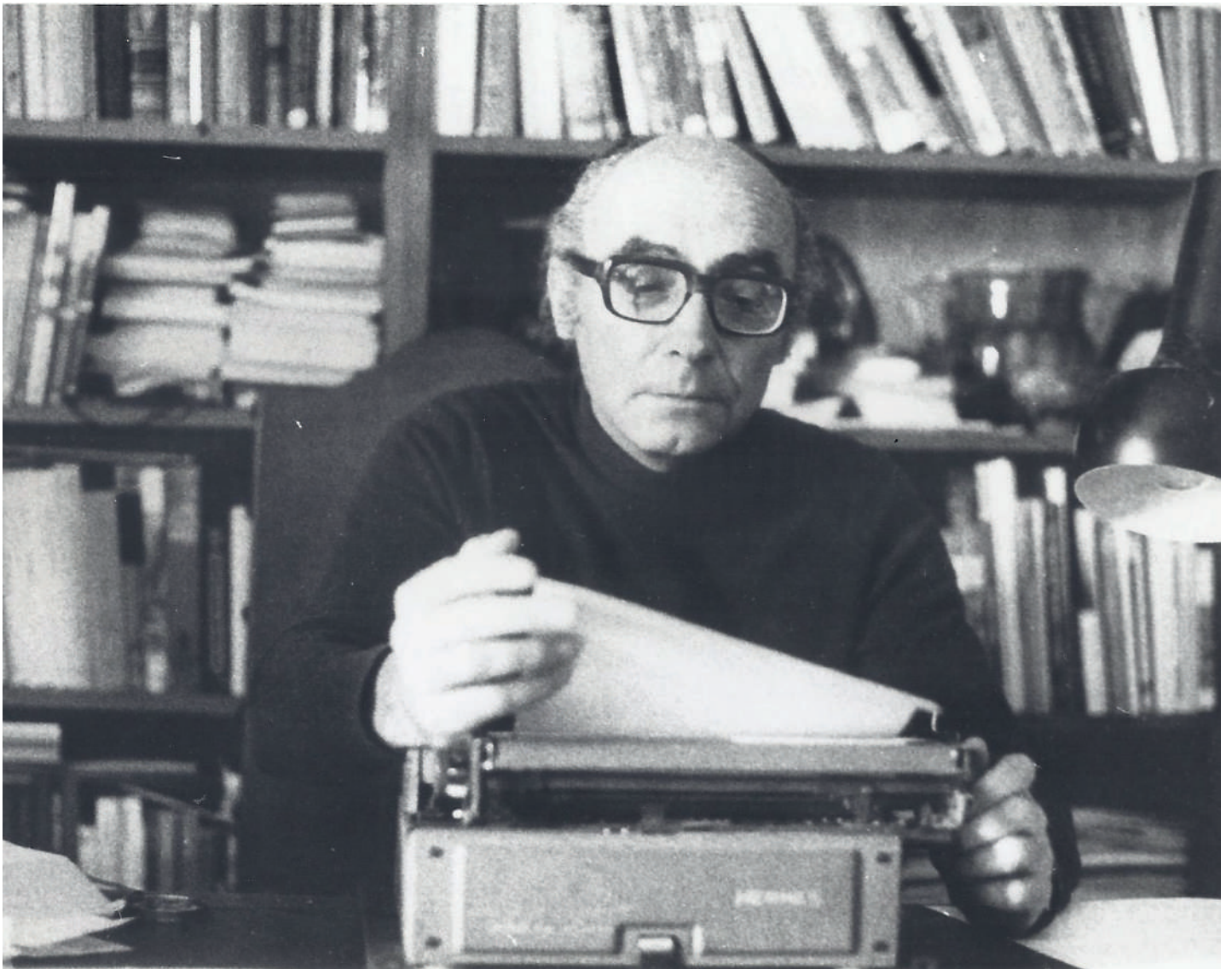
Graça Morais

Nascida em 1948 num pequeno povoado do interior nordeste de Portugal, Graça Morais formou-se em Pintura no Porto, passou por Paris, e acabou por se sediar em Lisboa na década de 1980. A pintora sempre manteve um forte vínculo com a sua aldeia natal, e todo o seu universo pictórico desenvolve-se em torno de uma consciente reivindicação das suas origens. Por outro lado, há na sua obra um sentido universal que transcende estas evocações matriciais e locais, sediado na observação do ser humano e da sua condição no mundo, numa dinâmica que envolve o observador e, principalmente, o questiona.

Entre 1974 e a atualidade, Graça Morais realizou e participou em mais de duas centenas de exposições individuais e coletivas, em Portugal e no estrangeiro, estando representada nos acervos dos principais museus, fundações e coleções públicas e privadas do país. Concebeu projetos de cenografia teatral, realizou ilustrações e trabalhos colaborativos com escritores, e é autora de numerosas intervenções em espaços públicos.

Em 1997, recebeu o Grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique. Recentemente, recebeu a Medalha de Mérito Cultural do Governo português (2019), foi homenageada na Nouvelle Sorbonne, em Paris, com uma jornada de estudos sobre a sua obra (2021), e foi distinguida com o Doutoramento *Honoris Causa* atribuído pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (2022).

O seu trabalho é apresentado com regularidade em Bragança, no Centro de Arte Contemporânea Graça Morais (CACGM), instituição que desde 2008 organiza de forma permanente e continuada exposições relacionadas com as diferentes temáticas e fases da sua produção. A pintora é também a figura tutelar do Laboratório de Artes na Montanha - Graça Morais (LAM-GM), criado em 2018 com o objetivo de promover atividades de ensino e investigação baseadas na prática das artes, e de estimular novas centralidades de intervenção científica e cultural, com base na inventariação, documentação e estudo da sua obra.



José Saramago, anos 70 © Arquivo FJS

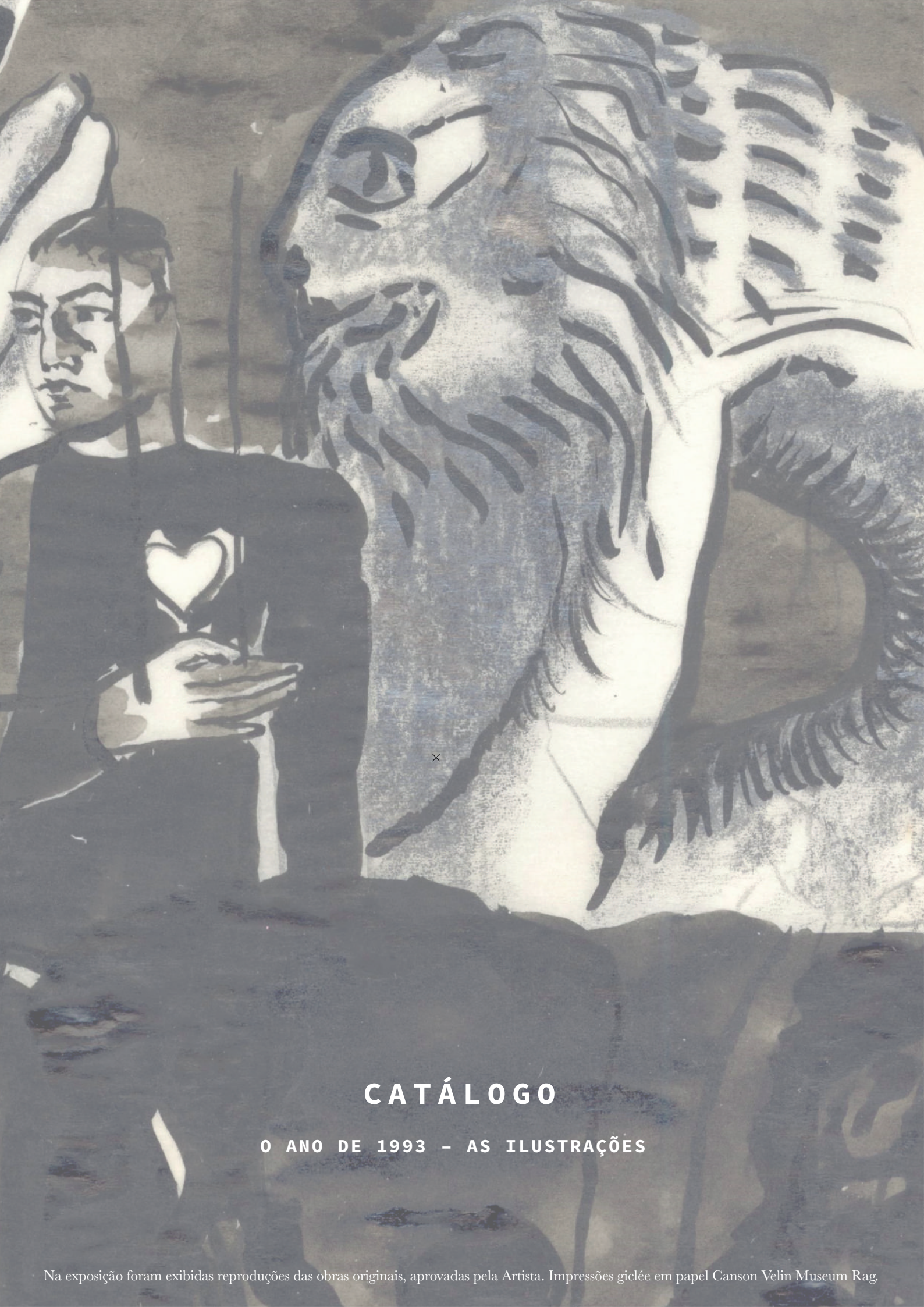
José Saramago

Filho e neto de camponeses, José Saramago nasceu na aldeia de Azinhaga, província do Ribatejo, no dia 16 de novembro de 1922, se bem que o registo oficial mencione como data de nascimento o dia 18. Os seus pais emigraram para Lisboa quando ele não havia ainda completado dois anos. A maior parte da sua vida decorreu, portanto, na capital, embora até aos primeiros anos da idade adulta fossem numerosas, e por vezes prolongadas, as suas estadas na aldeia natal.

Fez estudos secundários (liceais e técnicos) que, por dificuldades económicas, não pôde prosseguir. O seu primeiro emprego foi como serralheiro mecânico, tendo exercido depois diversas profissões: desenhador, funcionário da saúde e da previdência social, tradutor, editor, jornalista. Publicou o seu primeiro livro, um romance, *Terra do Pecado*, em 1947, tendo estado depois largo tempo sem publicar (até 1966). Trabalhou durante doze anos numa editora, onde exerceu funções de direção literária e de produção. Colaborou como crítico literário na revista *Seara Nova*. Em 1972 e 1973 fez parte da redação do jornal *Diário de Lisboa*, onde foi comentador político, tendo também coordenado, durante cerca de um ano, o suplemento cultural daquele vespertino.

Pertenceu à primeira Direção da Associação Portuguesa de Escritores e foi, de 1985 a 1994, presidente da Assembleia Geral da Sociedade Portuguesa de Autores. Entre abril e novembro de 1975 foi diretor-adjunto do jornal *Diário de Notícias*. A partir de 1976 passou a viver exclusivamente do seu trabalho literário, primeiro como tradutor, depois como autor. Casou com Pilar del Río em 1988 e em fevereiro de 1993 decidiu repartir o seu tempo entre a sua residência habitual em Lisboa e a ilha de Lanzarote, no arquipélago das Canárias (Espanha). Em 1998 foi-lhe atribuído o Prémio Nobel de Literatura.

José Saramago faleceu a 18 de junho de 2010.



CATÁLOGO

O ANO DE 1993 - AS ILUSTRAÇÕES

Na exposição foram exibidas reproduções das obras originais, aprovadas pela Artista. Impressões giclée em papel Canson Velin Museum Rag

Graça Morais

O Ano de 1993 [Poema 1], 1987

O quadro original foi oferecido pela artista a José Saramago por ocasião da edição do livro. Não foi possível verificar as características técnicas e dimensões.



Poema 1

O primeiro poema foi escrito em resposta ao falhado levantamento militar de 16 de março de 1974, prelúdio da Revolução dos Cravos que, no mês seguinte, viria a pôr fim à ditadura. A angústia do autor face à opressão do regime reflete-se na descrição de uma paisagem desoladora, num tempo suspenso (uma «paisagem de Dali com as sombras muito recortadas por causa de um sol que diremos parado»), e na evocação das serenas e lentas ações das personagens que a povoam.

Graça Morais interpreta a justaposição dos discursos poético, histórico e artístico, compondo um cenário habitado que se desenvolve pelos vários planos pictóricos: em primeiro plano, destacam-se as duas figuras – uma mulher, um homem – em aparente diálogo; no segundo plano, a personagem que «vai riscando no chão uns traços enigmáticos»; ao fundo, uma silhueta, prenunciando outras presenças humanas. Em termos compositivos, importa destacar os jogos lumínicos, nomeadamente o tratamento expressivo das sombras, em contraste com os tons claros das figuras, quase fantasmáticas.

Mais do que ilustração, este desenho constitui uma revisitação crítica da estética daliniana e surrealista que, seja no texto ou no quadro, fica reduzida a um pretexto, à alegoria de um violento pesadelo.

Graça Moraes

O Ano de 1993 [Poema 6], 1987

Aquarela, carvão, sépia, tinta-da-china

e colagem sobre papel

14,9 x 21 cm

Col. da Artista



Poema 6

Grupos de pessoas redescobrem a cidade abandonada, vagueando pelas ruas ladeadas de estátuas «incrivelmente brancas mas a que os jogos das luzes e das sombras alternadas fazem mover os membros e as feições».

Graça Morais capta esta ambiência, destacando a ambiguidade do corpo-vivo vs. corpo-estátua através da representação classicista das figuras femininas que surgem no lado esquerdo da composição: em segundo plano, num movimento contido, dois corpos com as cabeças ocultas, cortadas, evocando os horrores da perseguição; no plano principal, uma mulher indica o caminho, orientando o grupo que regressa à cidade.

A metáfora visual é reforçada pela estrutura dicotómica da composição e pela cena que se desenvolve na secção esquerda, em que se destacam duas figuras que parecem minotauros, travando uma batalha mortal, mas que também poderia ser vista tanto como uma violação ou uma copulação – como se fosse um mito a tentar destruir o outro, um presságio ou lembrança da brutalidade de uma guerra tanto literal como ideológica, de civilização e barbárie, mas também de uma histórica violência de género.

Graça Morais

O Ano de 1993 [Poema 7], 1987

Aguarela, sépia, tinta-da-china

e colagem sobre papel

15 x 19 cm

Col. da Artista



Poema 7

Este desenho alude ao cenário de magia negra convocado pelo texto, centrado no malévolo par feiticeiro-comandante. Graça Morais referencia o momento em que os habitantes, após serem flagelados, questionam «que sinais são aqueles de chicotadas na cara / Quando tão seguros estão de que ninguém os chicoteou nem tal consentiram».

A mulher olha o homem com espanto e raiva, enquanto este apresenta uma expressão enlouquecida. Ambos têm os rostos fustigados e ensanguentados, adivinhando-se uma tez escura que remete para a história da escravidão e, em termos mais genéricos, para as histórias de guerras e de repressão.

A representação de um casal remete alegoricamente para díades conceptuais históricas ligadas a contextos totalitários e reacionários, como “manipulação-repressão” ou, mais concretamente na origem do livro, “PIDE-Ditadura”, “Igreja-Estado” ou “metrópole-colónia”.

Graça Morais

O Ano de 1993 [Poema 8], 1987

Aquarela, sépia, tinta-da-china

e colagem sobre papel

18,8 x 14,7 cm

Col. da Artista



Poema 8

Poema onde se narram as atrocidades cometidas sobre as mulheres e o efeito psicológico que desencadeará um inesperado contra-ataque. O que aqui sobressai é o mito da *vagina dentata* e a sucessão de acontecimentos que resultarão numa mensagem clara de empoderamento da mulher: «os dentes que o ódio fizera nascer nas vulvas frenéticas / Cortam cerce os pénis do exército perseguidor que as vaginas cospem para fora com o mesmo desprezo com que os homens perseguidos haviam sido degolados».

Graça Morais optou por uma sobreposição de cenários que só insinuam o motivo da desmembração, apresentando ao observador uma composição que joga com a ambiguidade entre a violência sexual e um certo erotismo. O dramatismo da cena é enfatizado pelo facto de não haver qualquer rosto associado aos vários corpos femininos, mantendo anónima a protagonista, que reaparecerá no vigésimo quinto poema e na sua respetiva ilustração.

A técnica da aguarela sublinha a ideia do descontrolo e do sobressaltado decorrer da ação, elemento igualmente reforçado pela paleta cromática viva e contrastante, e pelo tratamento expressivo das sombras e dos contornos.

Graça Morais

O Ano de 1993 [Poema 11], 1987

Aguarela, sépia e tinta-da-china

sobre papel

14,7 x 20,8 cm

Col. da Artista



Poema 11

Este desenho referencia o surgimento da esfera de mercúrio que se multiplicará, infinitamente, e da violência psicológica que impõe – um «olho de vigilância individual, o olho que não dorme nunca».

Graça Moraes aborda o olho orwelliano através da representação de um rosto escuro e sem feições, quase semi-máscara, reforçando a ideia da onipresença de um Big Brother, ou sistema de inteligência artificial, que controla todas as esferas da vida humana, incluindo a capacidade de resistência físico-psicológica da população.

Na narrativa saramaguiana esta ideia de controlo fracassa quando, devido à falta de mercúrio, as mães passam a medir a febre das crianças com a mão – um gesto tão profundamente humano que falseia os dados que o computador recolhe. Graça Moraes alude à humanidade e à contraposição entre natureza e tecnologia através da figura que assume a posição clássica do pensador, destacando assim o teor subversivo e de resistência que atravessa todo o poema.

Graça Morais

O Ano de 1993 [Poema 18], 1987

Aguarela, sépia e tinta-da-china sobre papel

20,8 x 14,7 cm

Col. da Artista



Poema 18

Este desenho evoca a luta entre luz e sombra, a história da disputa pela reconquista do fogo perdido da luz do sol, e da personagem prometeica do homem que a trouxe na sua própria mão, automutilando-se.

Graça Morais inclui também nesta composição referência às bestas mecânicas com que os ocupantes da cidade perseguiam a população. Contudo, a sua representação é feita de uma forma natural, anulando qualquer referência à máquina ou à artificialidade e enfatizando a sua própria mortalidade, numa antecipação da morte destes animais-cyborg, que só ocorrerá no vigésimo quarto poema.

Graça Morais independentiza-se da estrutura do texto poético, criando linhas narrativas próprias. A fusão da metáfora prometeica com a ideia do soldado animal-cyborg, enunciada pelos jogos de sobreposição das figuras na composição, cria um espaço estético, de narração e de reflexão que transcendem o poema.

Graça Morais

O Ano de 1993 [Poema 24], 1987

Carvão, sépia, tinta da china e colagem sobre papel

14,8 x 19 cm

Col. da Artista



Poema 24

A narrativa saramaguiana aborda, aqui, a tensão entre a tecnologia opressora e a natureza tribal, um confronto épico dos contrários que a narrativa poética do texto transforma em luta épico-heroica.

Graça Morais capta essa tensão, optando por focar um momento de profunda humanidade: quando os homens se unem e registam os acontecimentos nas paredes de uma gruta, após o que se auto-retratam, marcando no seu peito «o lugar que deve ocupar um coração vivo».

Este desenho assume um significado identitário, estabelecendo uma relação auto-referencial com a própria pintora e com o autor do texto, através da representação da mão segurando um lápis que atravessa quase a totalidade da composição, e que enfatiza a transversalidade entre o poético da escrita e da pintura.

Graça Morais

O Ano de 1993 [Poema 25], 1987

Aguarela, sépia, tinta da china

e colagem sobre papel

22,8 x 29,1 cm

Col. da Artista



Poema 25

O poema fala da redescoberta de práticas ancestrais de fecundidade que ligam a mulher à natureza. A ação é marcada pelo ritual de aspersão do sangue menstrual no campo, através do qual a tribo pretende colmatar a falta de nascimentos, uma vez que a guerra tinha acabado com a fertilidade das mulheres.

Esta composição condensa a complexidade dos acontecimentos em dois cenários concretos. No lado direito é representado um momento de cópula sob as ervas do campo fertilizado pelo sangue da menstruação. A face do homem é deliberadamente colocada na sombra, enfatizando a mensagem simbólica da cena: o poder de fecundar associado não ao elemento masculino mas à natureza, por sua vez identificada com o feminino.

No plano esquerdo, surge a figura de uma mulher grávida. Esta é a mesma personagem que tinha sido vítima de violação e que castrara o seu violador, com cujo membro desapareceu na planície (Poema 8). Porém, Graça Morais representa-a agora o rosto nitidamente visível, retirando-a do anonimato e assim destacando o seu papel na narrativa. As feições misturam rasgos europeus, africanos e asiáticos, conferindo à mensagem sociopolítica do poema um valor ainda mais universal, interétnico e transcultural.

Graça Morais

O Ano de 1993 [Poema 29], 1987

Aquarela, sépia e tinta-da-china sobre papel

22,8 x 29,1 cm

Col. da Artista



Poema 29

Este poema evoca a reconquista da liberdade, alegoricamente celebrada pelo surgimento de «um enorme arco-íris que não se desvaneceu nem quando o sol se pôs». A interpretação de Graça Morais evita o que é excessivamente óbvio, destacando-se o facto de a artista ter colocado o arco-íris na base do desenho. Esta inversão de céu e terra alude à ideia da utopia cumprida.

No topo, surgem as carcaças dos animais mecânicos, aqui adquirindo forte significação: a serpente dominada pela águia ilustra os «julgamentos dos invasores», mencionados no poema 28. O rinoceronte, motivo comum na arte pré-histórica, evoca as primeiras sociedades humanas, a história do ser humano. A representação deste animal, que não é mencionado em todo o texto, é uma interessante adição da artista, que deste modo reforça a sua abordagem ao tema central deste ciclo poético: um reinício forçado da evolução humana, através de um percurso imposto à tribo descendente da população que foi expulsa da cidade, e que teve de reaprender a sua humanidade.

Graça Morais

O Ano de 1993 [Poema 30], 1987

Aguarela, sépia e tinta da china sobre papel

22,8 x 29,1 cm

Col. da Artista

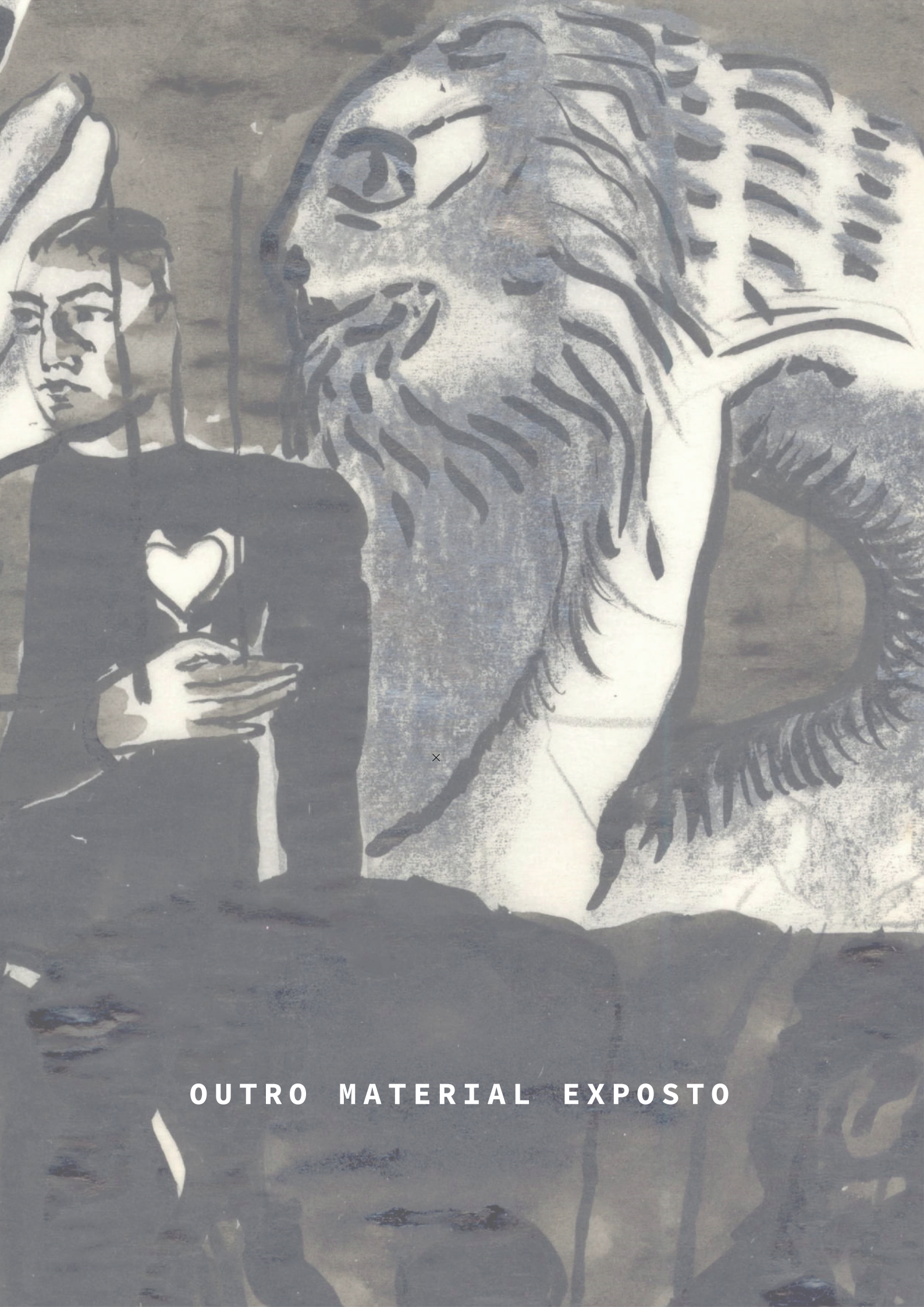


Poema 30

O último poema recapitula a condição cíclica da história, entre guerra e paz, barbárie e civilização, sem um sentido ou uma essência inequívocos. Graça Morais dialoga de uma forma profunda com o texto, centrando a atenção na ideia da «criança objectiva [que] se aproxima e estende as mãos para a sombra, que fragilmente retém o contorno ainda, mas não já o cheiro do corpo sumido».

A criança encontra-se representada de um modo classicizante e querubínico, encontrando-se numa posição que enuncia movimento, expressando iniciativa, vontade e intenção de passar à ação. Numa interpretação mais existencialista, a expressão corporal e mímica da figura pode sugerir uma liberdade já realizada, posta em prática.

O rosto enigmático da criança apresenta um sorriso clássico que tanto remete para a estatuária grega, como para as representações cristãs de Jesus como bebé-homem. Estas citações plásticas têm um profundo simbolismo que nos recorda, de um modo reflexivo e desenganado, que estamos sempre presos no dilema entre a liberdade radical e o determinismo das circunstâncias.



OUTRO MATERIAL EXPOSTO

Graça Morais
Retrato de José Saramago, s.d.

Acrílico sobre tela
61 x 73 cm
Col. da Artista



Retrato de José Saramago realizado por Graça Morais algum tempo após a morte do escritor, a partir de uma fotografia divulgada na imprensa.

A pintora capta as feições do rosto através de vigorosas pinceladas e manchas de suaves contrastes cromáticos.

Esta obra constitui um excelente exemplo da prática retratística de Graça Morais, pautando-se pelo compromisso entre o registo das qualidades fisionómicas do indivíduo retratado, e a captação de impressões mais subjetivas de uma personalidade complexa que remetem para aspetos psicológicos individuais, mas que permitem refletir, de um modo mais genérico, sobre a natureza humana.



Entrevista do jornalista José Carlos Vasconcelos ao escritor José Saramago no programa televisivo *Escrever é Lutar*, 17/09/1974.

Duração 23'42''

RTP Arquivos

Nesta entrevista, José Saramago fala sobre a sua vida pessoal, a obra literária, e o momento que se vivia em Portugal no pós-25 de Abril de 1974, mencionando pela primeira vez do livro *O Ano de 1993*, que estava a escrever na altura.



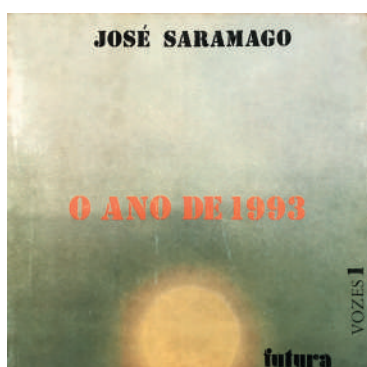
Na Cabeça de uma Mulher está a História de uma Aldeia.

Realização de Joana Morais, 2000.

Duração 32'51''

Reprodução gentilmente cedida pela Autora.

Realizado pela filha da pintora, num registo de grande cumplicidade, este documentário aborda a vida e a obra de Graça Morais, com enfoque no legado que a sua obra recebeu das vivências com as gentes, rituais e tradições da sua terra natal.



1.^a edição de *O Ano de 1993*.
Lisboa: Futura, 1975.
Capa e arranjo gráfico Estúdios da
Editorial Futura.



2.^a edição de *O Ano de 1993*.
Lisboa: Caminho, 1987.
Ilustrações de Graça Morais.



3.^a edição de *O Ano de 1993*.
Lisboa: Caminho, 2007.
Ilustrações de Rogério Ribeiro.



4.^a edição de *O Ano de 1993*.

Porto: Porto Editora, 2018.

Caligrafia da capa por José Manuel Mendes.

Redigido entre 1974 e 1975, *O Ano de 1993* é um poema filosófico estruturado a partir da compilação de trinta textos alegóricos em prosa poética. A primeira edição foi publicada pela Editorial Futura, em Lisboa, no ano de 1975, sem ilustrações.

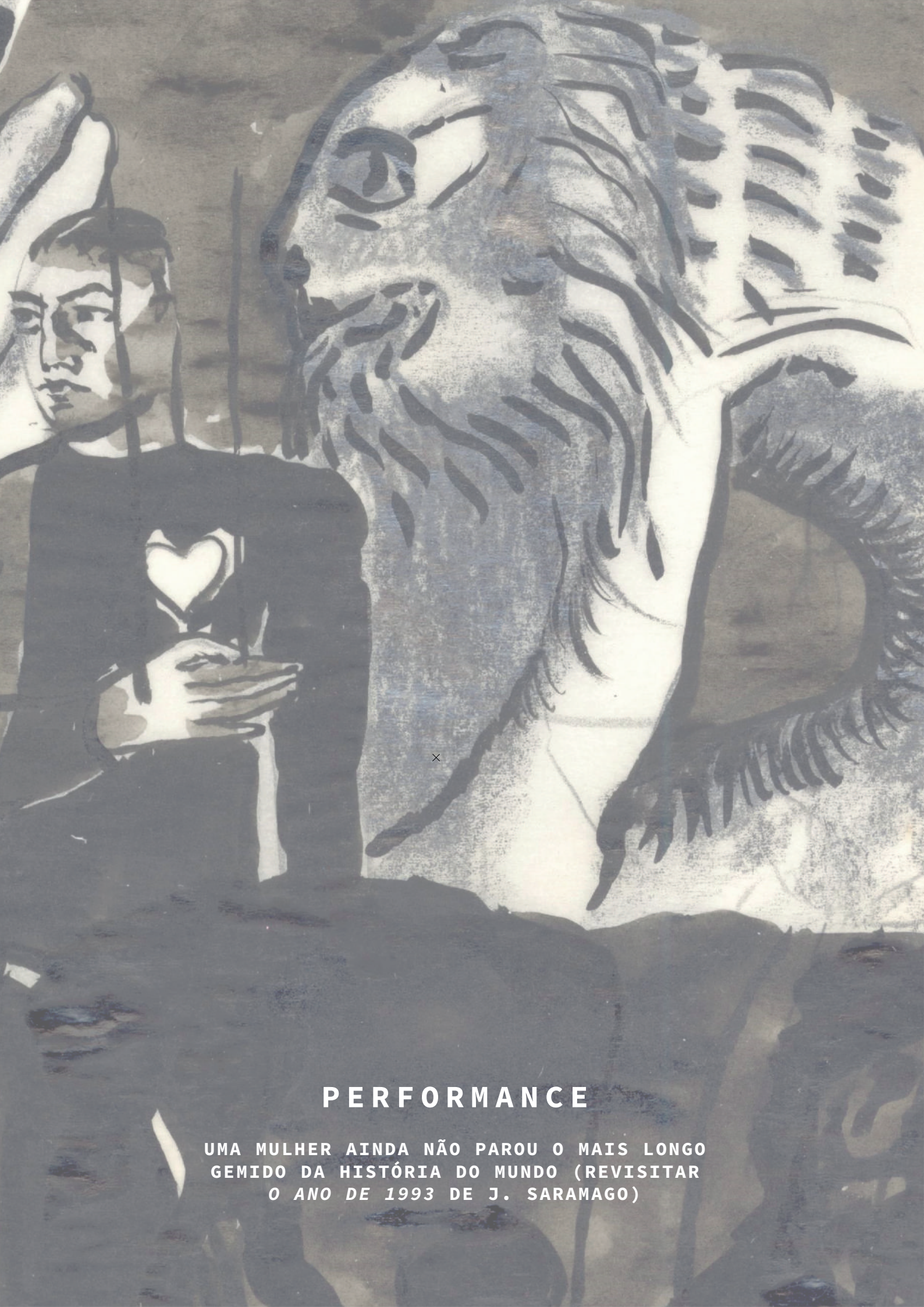
Alguns anos mais tarde, preparando a segunda edição do texto, José Saramago convida Graça Morais para criar dez pinturas que se correspondessem com o universo onírico e poético do texto. Estabeleceu-se, assim, um conjunto interartístico complexo.

A composição escolhida para a capa desta segunda edição – a mancha que sugere todo um universo e as letras do título, abordadas (literária e visualmente) como signos e significantes – simboliza esse encontro entre a palavra escrita e a pintura.

Publicada pela editorial Caminho em 1987, esta edição encontra-se atualmente esgotada.

Em 2007, a Caminho promove uma nova edição da obra, com ilustrações de Rogério Ribeiro, que também estão presentes na versão traduzida para castelhano, de Ángel Campos Pámpano (editora Alfaguara).

A mais recente edição surge em 2017, novamente sem ilustrações, na Porto Editora.



PERFORMANCE

UMA MULHER AINDA NÃO PAROU O MAIS LONGO
GEMIDO DA HISTÓRIA DO MUNDO (REVISITAR
O ANO DE 1993 DE J. SARAMAGO)



Silvia Penas na performance «Uma mulher ainda não parou o mais longo gemido da história do mundo (Revisitar *O ano de 1993* de J. Saramago)».
Sede Afundación Vigo, 27 de outubro de 2022 © Cortesia da Artista

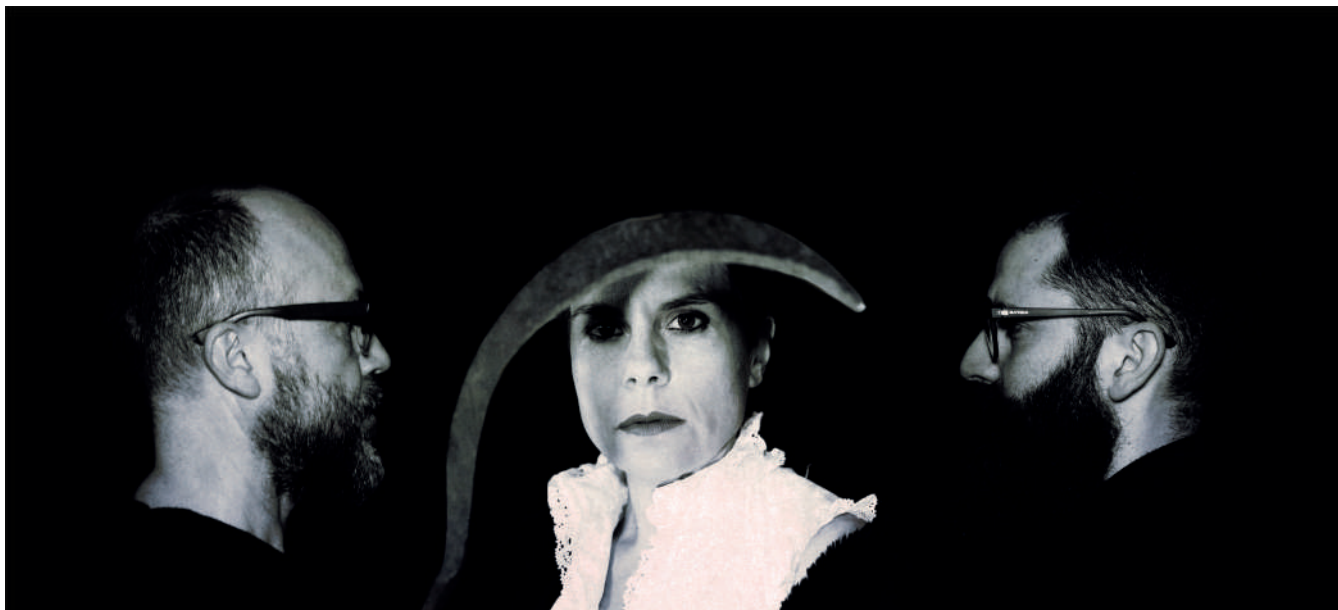
UMA MULHER AINDA NÃO PAROU O MAIS LONGO GEMIDO DA HISTÓRIA DO MUNDO (REVISITAR O ANO DE 1993 DE J. SARAMAGO)

Com este verso de José Saramago, Silvia Penas designa uma intervenção cénica, visual, poética e sonora, realizada em colaboração com Chucho González e Jesús Andrés Tejada, três membros do coletivo artístico Límites. O seu trabalho ornamenta com movimento e som alguns dos textos do prémio Nobel e outros da sua autoria, sempre em relação com a obra *O ano de 1993* e com as ilustrações que Graça Morais realizou para a edição de 1987.

A partir de um corpo-cartografia, espelho da cidade sitiada que protagoniza o livro, a percussão e a voz são essenciais para uma reflexão performativa em torno da obra literária, referenciando não apenas aquele momento histórico, mas também fazendo relações com os tempos atuais.

«Uma mulher ainda não parou o mais longo gemido da história do mundo (Revisitar *O ano de 1993* de J. Saramago)» foi criada *ex profeso* para a inauguração da exposição «Graça Morais e José Saramago: a arte de pensar o ano de 1993», que decorreu em 27 de outubro de 2022 na Sede Afundación Vigo, no âmbito da VII Conferência Internacional José Saramago.

Silvia Penas (Vigo, 1980) é poeta e performer. Tendo como ponto de partida a escrita, o seu trabalho desenvolve-se em torno da poesia cénica e de formatos interdisciplinares. Mostra disto é o seu projeto Cintaadhesiva, partilhado com o músico Jesús Andrés (poesia, música e videoarte). No âmbito da sua criação no domínio da performance, destacam-se as peças perfoepoéticas *Cortar, refogar, afogar, Anotações para um pergamiño portátil, Desafios de alta tensão* (em coautoria com María Roja), *Trigêmeo* (criação coletiva do grupo Límites) ou *Retrato musical* (com a Orquestra Clásica de Vigo), entre outras. Silvia Penas é também autora de diversos livros de poemas: *As uñas crecen, Diario de ladras, bailarinas, assassinas e flores, Fronteira Paraíso, O resto é céu e Retratos de vodas, partos e funerais*.



Jesús Andrés Tejada, Silvia Penas e Chucho González, membros integrantes do coletivo artístico Límites © Cortesia da Artista

PERFORMANCE

UMA MULHER AINDA NÃO PAROU O MAIS
LONGO GEMIDO DA HISTÓRIA DO MUNDO
(REVISITAR *O ANO DE 1993* DE J. SARAMAGO)

CRIAÇÃO DA PEÇA CÊNICA

Silvia Penas

DESENHO DE VESTUÁRIO

Silvia Penas e Andrea Jano

DESENHO DE VÍDEO E ILUMINAÇÃO

Jesús Andrés Tejada

DESENHO DE SOM

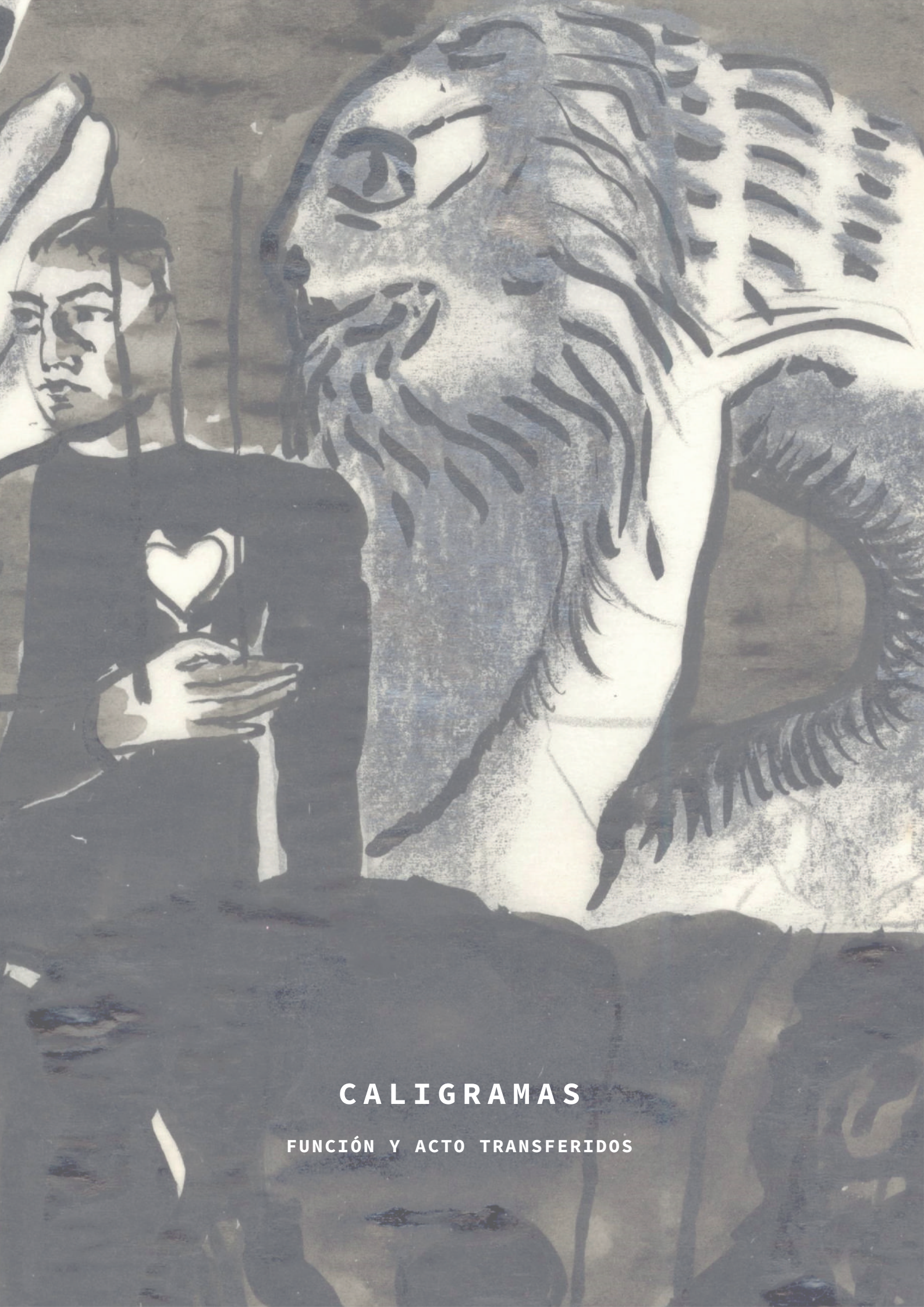
Jesús Andrés Tejada e Chucho González

DURAÇÃO

c. 40 minutos

ANO DE CONCEÇÃO

2022



CALIGRAMAS

FUNCIÓN Y ACTO TRANSFERIDOS



Caligrama - Poema 18, por Luca Prida Carrero e Isela Rodríguez Mascato, 2024. © Cortesia das autoras

PROJETO CALIGRAMAS (VÍDEO-INSTALAÇÃO)

A grafia – em caligrafia manuscrita ou em tipografia mecânica – das palavras e frases dos 10 poemas de José Saramago em *O Ano de 1993*, ilustrados pela pintora Graça Morais, são a base de uma série de “quadros” que fazem referência reconhecível aos elementos gráficos (figuras) existentes nas ilustrações criadas por Graça Morais. Esse tipo de desenho com palavras é chamado de Caligramas na história da arte.

Os caligramas criados neste projeto aparecem progressivamente (em movimento animado), formando um bloco de projeções que surgem no teto ou nas zonas superiores das paredes do espaço expositivo (Cisterna). Por motivos técnicos e conceptuais, para conseguir uma percepção adequada dos caligramas animados e conseguir uma integração ideal na sala, estes são construídos com uma linha branca sobre fundo preto. O resultado manifesta-se em linhas, superfícies e texturas de luz branca em movimento, formando palavras que se confundem com os desenhos, evoluindo na escuridão das superfícies arquitetónicas do espaço.



Caligrama - Poema 30, por Gabriela Rubianes Martínez, 2024 © Cortesia da autora



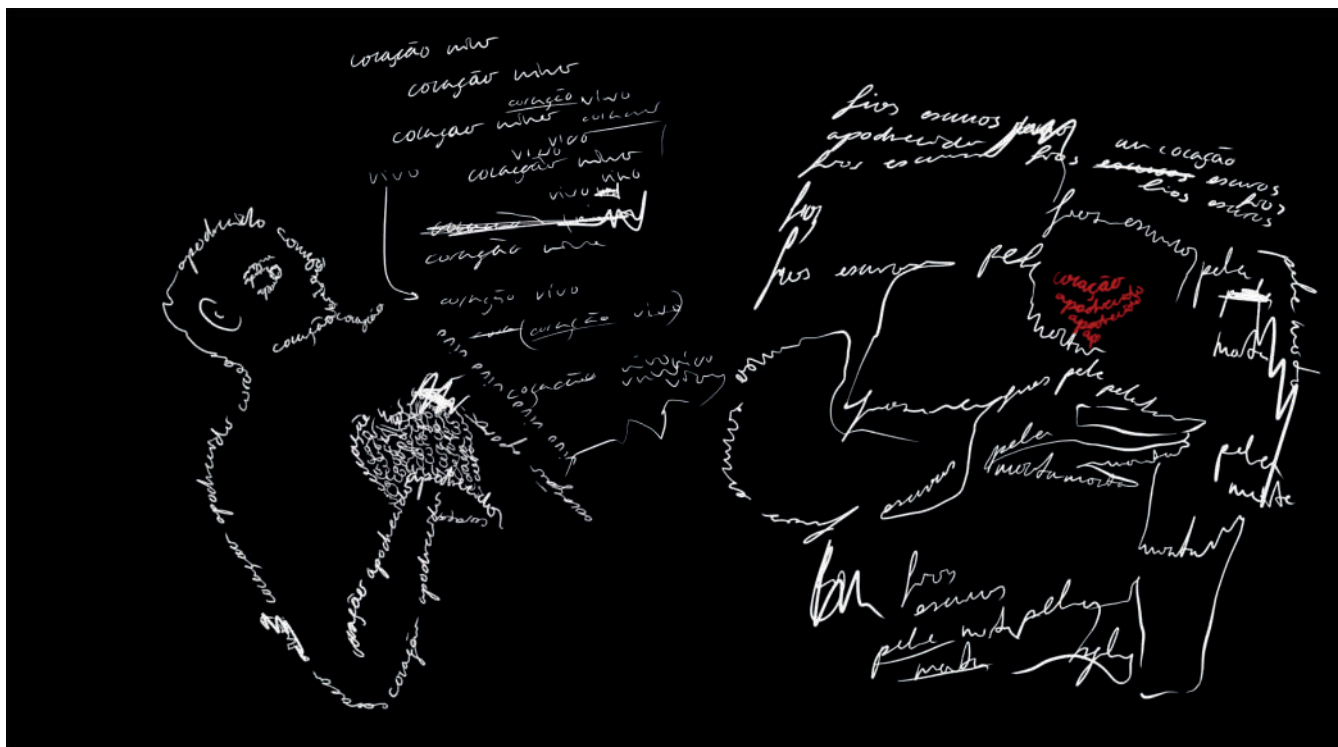
Caligrama - Poema 6, por Jimena Rodríguez Vidal, 2024. © Cortesia da autora

FUNÇÃO E ACTO TRANSFERIDOS

Visões de luz branca. Como se pudéssemos presenciar a luz que irradia do fundo do papel em que o escritor escreve, passando pelas suas palavras e pelas imagens da pintora que, do mesmo modo, despontam daquela luz branca e simbólica da tela onde as desenha.

Palavras e imagens que nos alertam para um mundo sombrio, cujas trevas rasgamos com aquela luz branca que as atravessa, como entendemos que os seus autores pretendiam.

Através da luz, do seu simbolismo e presença “branca”, tentamos fazer subir o olhar, contemplar e reconhecer como uma constelação sinistra aqueles sonhos, esperanças e pesadelos universais que, como aparições fantasmagóricas mas também como guias, nos permitem ver José Saramago e Graça Morais no resultado da sua colaboração, e que este trabalho reinterpreta como mensagem e legado de alerta.



Caligrama - Poema 24, por Alba Amoedo Cal e Goa Vázquez Pichel, 2024. © Cortesia das autoras

PROJETO CALIGRAMAS (VÍDEO-INSTALAÇÃO)

FUNÇÃO E ACTO TRANSFERIDOS

CONCEÇÃO

Sol Alonso (prof.^a titular Faculdade de Belas-Artes / Universidade de Vigo)

12 artistas-criadoras em formação (alunas dos 3.º e 4.º anos do Grado em Belas-Artes da Universidade de Vigo):

Eva Lareo Manzano e Lucia Rodríguez Martínez (Poema 1)

Jimena Rodríguez Vidal (Poema 6)

Lucia Estévez Cid (Poema 8)

Elena Ramírez Estraviz (Poema 11)

Luca Prida Carrero e Isela Rodríguez Mascato (Poema 18)

Alba Amoedo Cal e Goa Vázquez Pichel (Poema 24)

Ana de Juana González e Cristina Souto Pita (Poema 25)

Gabriela Rubianes Martínez (Poema 30)

DISPOSITIVO DE INSTALAÇÃO

2 projetores de vídeo

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS

Vídeo Full HD / 1920 x 1080 p/p

Imagem: Preto e branco

Som: Sem som

DURAÇÃO

c. 7 min. Projeção repetida em contínuo.

ANO

2024

